

BASILIO DE MAGALHÃES

O FOLK-LORE NO BRASIL

COM UMA COLLECTANEA DE 81 CONTOS POPULARES,
DOS QUAES 75 BAHIANOS,

ORGANISADA POR

J. DA SILVA CAMPOS



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA QUARESMA
71, RUA DE S. JOSE, 73
1928

O FOLK-LORE NO BRASIL

O Folk-lore no Brasil

POR

BASILIO DE MAGALHÃES

Com uma collectanea de 81 contos populares, dos
quaes 75 bahianos, organizada

POR

J. DA SILVA CAMPOS



RIO DE JANEIRO

LIVRARIA QUARESMA

71, RUA DE S. JOSÉ, 73

1928

Guilherme de Souza
16-4-28.

:: O FOLK-LORE NO BRASIL ::

————— (Notas de um bibliophilo) —————

I

FOLK-LORE EM VERSO E FOLK-LORE
EM PROSA

Inventariando-se a materia prima, em verso e prosa, do folk-lore patrio, até agora vinda a lume, — ter-se-á, desde logo, idéa nitida da valia inestimavel da contribuição que ora lhe traz o sr. João da Silva Campos.

a) Folk-lore em verso.

Muito mais opulento do que o nosso novellario popular é o eserinio rimado tradicional, mesmo assim ainda mal coordenado.

Apesar dos artigos com que Celso de Magalhães (1),

(1) Apareceram com o titulo "A poesia popular brasileira" no periodico "O Trabalho", do Recife, dirigido por Antonio de Sousa Pinto e Generino dos Santos. Em 1877, ainda publicou Celso de Magalhães outros artigos sob a epigraphe "Estudo sobre a poesia popular brasileira", na "Revista Nacional de Sciencia, Arte e Letras" (ns. 3 e 4) de S.-Paulo, dirigida por Antonio Carlos e Inglez de Sousa. Já antes, em 1870, nos seus "Versos", manifestara pendor para as tradições patrias, como o atesta o poemeto "Os calhambólas". Formoso talento, o literato mara-

em 1873, e José de Alencar (2), em 1874, iniciaram o estudo das produções poeticas do nosso povo, — só em 1883, e estimulado, certamente, pelo vigoroso movimento que se operava então em Portugal no aranhol da mythographia, foi que Silvio Roméro (3) lançou á publicidade os “Cantos populares do Brasil”, primeira e até hoje unica tentativa de organização de um nosso cancioneiro geral.

Embora em campo mais restricto, acompanharam-no Valle Cabral (4), que deixou disperso nas paginas

nhense tambem deixou um “romance brasileiro”, filiado á escola realista, “Um estudo de temperamento”, que infelizmente ficou incompleto nas paginas da “Revista Brasileira” (1881, IX e X).

(2) Consta-me que saíram no “Globo”, jornal aqui editado sob a direcção de Salvador de Mendonça, Quintino Bocayuva e outros, e que durou de 1874 a 1878. Reuniu-os Alencar em pequeno volume com o titulo “O nosso cancioneiro — Série de cartas a um amigo” (1874), conforme affirma Blake, pois nunca o vi.

(3) Primeira edição: — “Cantos populares do Brasil — Acompanhados de introdução e notas comprobativas por Theophilo Braga” (Lisbôa, 1883), em 2 vols.; segunda edição, “melhorada”: — “Folk-lore brasileiro — Cantos populares do Brasil” (Rio—S.-Paulo, Alves & C., 1897), em 1 vol. A publicação feita em Portugal não agradou a Silvio Roméro, que, por causa do arranjo e annotações de Theophilo Braga, contra este lançou o opusculo “Uma esperteza!...” (Rio-de-Janeiro, 1887). Só treze annos depois foi que o consagrado polygrapho lusitano revidou a esse desabrido ataque, por meio de longa carta dirigida a Fran Paxeco e que vem ás pag. 151-193 do livro deste, “O sr. Silvio Roméro e a literatura portugueza” (Maranhão, 1900), deixando patente a sem-razão e as injustiças para com elle praticadas pelo illustre sergipano. Silvio Roméro ainda escreveu: “Estudos sobre a poesia popular no Brasil” (1888), e três interessantes artigos, intitulados “Novas contribuições para o folk-lore brasileiro”, que saíram na “Revista da Academia Brasileira de Letras” (n. 2, 353-369; n. 4, 292-305; e n. 7, 57-69), em todos os quaes reuniu novos elementos para enriquecer o nosso cancioneiro popular.

(4) Além das “Canções populares da Bahia” (“Gazeta Li-

da “Gazeta Literaria” (Rio-de-Janeiro, 1883-1884) um deficiente cancionero bahiano, e Mello Moraes Filho (5), que, além de inserir algumas poesias populares, peculiares do norte, no seu “Parnaso brasileiro” (1885, vol. II, pags. 457-507), assim como poemetos e trovas do nosso folk-lore no seu desenvolvido volume sobre as “Festas e tradições populares do Brasil”, onde enfeixou anteriores ensaios, e de poetizar algumas das nossas lendas indígenas, mais especialmente se preocupou com os *calons*, cujo rimario agasalhou em dois opusculos, “Cancioneiro dos ciganos — Poesia popular da Cidade Nova” e “Os ciganos no Brasil — Contribuição ethnographica”, dados á estampa em 1885 e 1886 (6).

teraria”, 217-223, 257-259, 315-318 e 417-422), inseriu Valle Cabral, na mesma revista (pags. 345-352), preciosas “Achegas ao estudo do folk-lore brasileiro”. Foram tambem estampados nella dois escriptos dignos de nota: — “Cantos populares do Ceará — A proposito do livro do Sr. Silvio Roméro” (238-241 e 305-306), de Araripe Junior; e “Notas ao *Folk-lore brasileiro* do sr. Valle Cabral” (400-401), de M. S., isto é, Macedo Soares. Veiu, finalmente, alli, até á letra c, o “Glossario brasileiro” de Beaupaire-Rohan, que este aproveitou no seu “Diccionario de vocabulos brasileiros”, editado em 1889 e já pouco vulgar hoje em dia.

(5) Na edição definitiva das “Festas e tradições populares do Brasil” compaginou Mello Moraes Filho ensaios anteriores, “Festas populares do Brasil — Tradicionalismo” (1888), “Costumes e tradições do Brasil — Festas do Natal” (1895), assim como os artigos “A noite de Natal no Rio de Janeiro”, “A vespera de Reis”, “O dia de finados”, “Festas do Natal” e “A vespera de S. João”, que estampara no “Archivo do Distrito Federal” (I, II e IV, 1894 a 1897). Nos seus 3 vols. das “Serenatas e saraus” (1901-1902), pouco ha que interesse ao folk-lore.

(6) Relendo agora esses trabalhos de Mello Moraes Filho, ainda não me convenci de que o elemento *zingaro* haja influido, sinão quanto á crendice da “buena-dicha”, no espirito do nosso povo. Recentemente, houve quem (Augusto de Oliveira e Sousa, “Os ciganos brasileiros”, in “Rev. do Brasil”, n. 63, 1921, pagina 264), acreditasse serem os *calons* originarios da America e “um ramo podre da nossa arvore ethnica”, o que não me parece de facil demonstração.

Secundando a feliz iniciativa de Silvio Roméro, publicou Carlos Góes “Mil quadras populares brasileiras — (Contribuição ao folk-lore)” (1916) e fez Afranio Peixoto editar uma anthologia nacional, “Trovas populares brasileiras” (1919), as quaes, como se infere dos respectivos titulos, se adstringiram ao genero das silvas tradicionaes (7).

De collectaneas regionaes, postas em volume, ha as seguintes, mencionadas pela ordem chronologica das edições: — o “Cancioneiro do norte” (Fortaleza, 1903), de Rodrigues de Carvalho; o “Folk-lore pernambucano” (1908), de Francisco Augusto Pereira da Costa; o “Cancioneiro guasca” (1910), de J. Simões Lopes Netto (8); “Ao som da viola” (1921), de Gustavo Barroso; “Cantadores” (1921) e “Violeiros do norte — Poesia e linguagem do sertão nordestino” (1925), de Leonardo Motta;

(7) O operoso mineiro José Maria Vaz Pinto Coelho da Cunha tentou organizar um “Cancioneiro popular brasileiro”, do qual deixou o vol. I (Rio-de-Janeiro, 1879, 8° de 207 pags.), consagrado ao periodo de 1822 a 1840, porém que não se adstringiu a poesias folkloricas; e também fez editar um opusculo “Da poesia popular brasileira” (Rio-de-Janeiro, 1880). Pelas datas, vê-se que fôra influenciado pelo movimento lusitano, então intenso, quanto ao tradicionalismo. — Afranio Peixoto, nas “Parabolas” (1920), tratou das nossas reduzidas “Trovas selvagens” (páginas 106). E Osorio Duque-Estrada, tendo publicado um opusculo “Trovas populares — Conferencia literaria” (Petropolis, 1907), desenvolveu depois, pouco mais, esse trabalho, repetindo-o quasi todo na conferencia “Trovas do norte”, realzada em 1915 na Bibliotheca Nacional (v. “Annaes”, vol. XL, pags. 203-222).

(8) No tomo I (que saiu sem essa indicação) do extenso trabalho de Mucio Texeira, “Os Gaúchos” (1920-1921), inseriu elle um “Cancioneiro gaúcho” (pags. 41-61), que contém perto de 200 quadras populares. No “Pampa” (1919), de Silvio Julio, também se encontram algumas; na “Terra natal” (1920), de Roque Collage, ha o interessante capitulo “Aspectos de nossa poesia popular” (107-125), onde se vêem algumas rimas tradicionaes sul-riograndenses.

e “Cancioneiro de trovas do Brasil central” (1925), de A. Americano do Brasil (9).

São todas ellas excellentes contribuições para o nosso rimario popular, particularmente as organizadas pelos

(9) Frederico José de Sant-Anna Néry (barão de Sant’Anna Néry) deu á estampa o seguinte trabalho, que é hoje raridade bibliographica: — “Folk-lore brésilien — Poésie populaire — Contes et légendes — Fables et mythes — Poésie, musique, danses et croyances des Indiens. — Accompagné de douze morceaux de musique. — Préface du prince Roland Bonaparte” (Paris, 1889, 8° de XII-272 pags.). Esse bello volume, si não proporcionou nova matéria prima ao nosso tradicionalismo, — pois apenas compilou o seu organizador produções alheias, haurindo-as das mais crystallinas fontes e vertendo-as para o francez, — teve, comtudo, o não pequeno merito de vulgarizal-as no mundo culto. *Julio Campina* (pseudonymo de Luiz Tenorio Cavalcanti de Albuquerque), no seu “Subsidio ao folk-lore brasileiro” (1897), ao qual farei adiante mais ampla referencia, inseriu tres poesias populares de Pernambuco (63-73). A Silvio de Almeida, mineiro de rara e aprimorada cultura, deve-se o “Cancioneiro dos bandeirantes” (“Annaes do 1° Congr. de Hist. Nac.”, V, 749-771), no qual, entretanto, só se encontra uma quadrinha popular. Que a títanica expansão não gerou trovas, — evidencia-o tambem Gustavo Barroso, cujo “Cyclo dos bandeirantes”, do livro “Ao som da viola” (23-36), não apresenta mais de quatro versos ao instrumento musico. Urbino de Sousa Vianna, na sua “Monographia do município de Montes Claros” (1916), teve a feliz idéa de estudar os “Usos e costumes” (307-311) e o “Folk-lore” (313-330) daquella região mineira, aproveitando nesses dois capitulos os poemets e parlendas populares que alli ouviu. Nuno Catharino Cardoso, no “Cancioneiro popular portuguez e brasileiro” (Lisbôa-Rio, 1921), reproduziu de outras collectaneas grande numero de quadrinhas do nosso povo (71-114). Em revistas, almanacks e livros, ha ainda muitas trovas populares, á espera de quem pacientemente as respigue e integre em logar proprio. Assim, em “Trovas do norte” (“Annaes da Bibl. Nac.”, 1923, XL, 203-222), conferencia realizada por Osorio Duque-Estrada em 1915; na “Vida sertaneja” (Bahia, s. d.), de Prado Ribeiro, e no “Brasil virgem” (Recife, 1924), de Nestor Diogenes, ha tambem bom numero de poesias populares do norte (pags. 49-129); e na “Terra catharinense” (Florianopolis, 1920), de Crispim Mira, acham-se muitos trovas tradicionaes do sul (pags. 130-155).

escriptores do norte, os quaes não se limitaram a uma simples respiga, mas revelaram conhecimentos da historia das nossas tradições e dos varios aspectos do folk-lore (10).

De cancioneiros infantis, possúo apenas o de Figueiredo Pimentel, "Meus brinquedos" (s. d.) e os da minha inolvidavel conterranea d. Alexina de Magalhães Pinto, "Os nossos brinquedos" (1909) e "Cantigas das creanças e do povo — Dansas populares" (1916), que ella propria denominou "contribuição para o folk-lore brasileiro".

Não posso deixar de incluir neste recenseio as collecções de modinhas. Constituem "a *forma bardica* da nossa poesia popular", como bem se expressou Silvio Roméro, que assim as definiu ("Rev. da Acad. Bras. de Letras", anno III, n. 7, pag. 69): — "são creação de autores conhecidos, que, inspirados no lyrismo tradicional do povo, facilmente se espalharam e se tornaram quasi anonyms". Umhas têm paternidade legitima ou putativa, como: — "A viola de Lereno", de Domingos Caldas Barbosa (11); "O cantor de modinhas brasileiras", "Trovador da malandragem" e "Mysterios do violão", de Eduardo das

(10) J. Eustachio de Azevedo, na "Anthologia amazonica — (Poesias paraenses)" (2ª ed., 92), menciona, entre outros trabalhos de Luiz Demetrio Juvenal Tavares, o intitulado "A viola de Joanna", de "versos populares". Não pude obtel-o até agora e, por isso, ignoro si é collectanea da musa tradicional do Pará.

(11) "Lereno Selinuntino" foi como se baptizou na Arcadia de Roma esse famoso padre mulato, que não se sabe si nasceu nesta cidade do Rio-de-Janeiro, na do Salvador da Bahia, ou ainda a bordo, em alto mar. Da sua citada collecção de cantigas, foi publicado o 1º tomo em 1798 e o 2º em 1826, ambos em Lisbôa. Do tomo I são conhecidas a 2ª ed. de Lisbôa (1806), a 3ª da Bahia (1813) e a 4ª de Lisbôa (1819), constando haver ainda uma 5ª, brasileira, de 1825. No vol. I das "Serenatas e saraus", de Mello Moraes Filho, a "terceira parte" (203-286) é toda de "lundús e modinhas" de Domingos Caldas Barbosa. Extendi-me nesta nota, por se tratar do patriarcha do genero. Conforme Araripe

Neves; “Trovador de esquina”, “Lyra de Apollo” e “Serenatas”, de João de Sousa Cunegundes; e “Trovador moderno”, organizado por Francisco Antonio dos Santos (12). Algumas foram publicadas anonymamente: “A cantora brasileira”, “Lyra do trovador”, “Rei dos trovadores”, “Trovador brasileiro”, “Trovador marítimo” e “As modinhas ao luar” (13). Outras, finalmente, tiveram colleccionadores mais competentes e esmerados: “Canções populares do Brasil”, de d. Julia de Brito Mendes (14); “Cancioneiro popular”, “Lyra dos salões”,

Junior (“Gregorio de Mattos”, 125), aqui tambem se tornaram celebres os descantes do padre Marinho, “que foi o Petrarcha do violão”.

(12) De publicações mais antigas, tenho somente a intitulada “Trovador — Collecção de modinhas, recitativos, canções, lundús, etc. — Organizada por Gualberto Peçanha, Cotrim & Campos” (1865-1866) e saída da typographia de Cotrim & Campos, em 4 vols. Sei, porém, que existe a posterior, de denominação quasi igual, “Trovador — Collecção de modinhas, recitativos, árias, lundús, etc.” (1876), impressa por Antonio José da Silva Teixeira, em 5 vols. Houve tambem na capital brasileira uma “Lyra de Apollo”, jornal de “modinhas, recitativos, lundús e poesias de diversos autores” (4º, s. d., impresso na typographia de Campos & Guimarães), do qual saíram pelo menos 5 numeros (v. “Cat. da Exp. de Hist. do Br.”, pag. 438, n. 5.125). Ainda mais velho é o “Vademeco dos poetas ou collecção de sonetos joco-serios, exquisitos, curiosos e burlescos, extrahidos de varios autores por P. P. S. G. (Pernambuco, 1835), escondendo essas iniciaes o nome de Pedro Pereira da Silva Guimarães.

(13) Comprei um “Trovador riograndense” (Echenique & C., 1914, 4ª ed.), sem nome de organizador, esperando ahi encontrar somente canções gaúchas. Destas, entretanto, não existem nelle sinão algumas poesias de Mucio Teixeira. As demais são do resto do Brasil ou então legitimas portuguezas. Editou ainda a dita livraria o “Cantor de serenatas” e “Gargalhadas”, simples compilações anonymas de modinhas nacionaes. Ha ainda um “Cantor paulista”, do mesmo feitio, isto é, com poesias de outras regiões do Brasil.

(14) Nessa collectanea, bem impressa, e contendo interessante prefacio firmado pelo autor dos “Ensaios americanos”, —

“Lyra brasileira”, “Chôros ao violão”, “Novos cantares”, “Trovas e canções”, “Florilegio dos cantores” e o “Cantor de modinhas brasileiras”, de Catullo Cearense, que, no ultimo dos citados volumes, colleccionou especialmente as modinhas dos menestrelis contemporaneos, Eduardo das Neves e Geraldo de Magalhães. A Livraria Garnier editou uma “Nova colleção de modinhas brasileiras, tanto amorosas, como sentimentaes, precedidas de algumas reflexões sobre a musica no Brasil” (s. d., mas é de 1899). De 1878 é a “Nova colleção de hymnos, canções e lundús, tanto amorosos, como sentimentaes.”

Não deve ser esquecida a nossa “literatura de cordel”, a que pertencem as “orações” não previstas nem aceitas pelos canones e rituaes da Egreja catholica, “testamentos” de Judas e de animaes, composições destinadas aos festejos carnavalescos e á critica dos episodios politicos, desafios e descripções da lavra dos cantadores sertanejos (15), — tudo isso realmente de genuina idea-

o cearense Brito Mendes, — as modinhas são acompanhadas das respectivas musicas. Além de composições de autores conhecidos, — que são quasi todos, — a organizadora tambem entendeu de aproveitar uma tres ou quatro do nosso folk-lore.

(15) Ao norte, ou, melhor, na vasta zona do nordeste, onde parece que a pecuária, mais do que em outros pontos do paiz, propicia o duplo afã de poetar e imprimir as creações da musa sertaneja, ha innumeradas publicações de trovas de cantadores conhecidos, em minguaos folhetos, saídos dos prelos do Ceará e da Parahyba (v. Leonardo Motta, “Violeiros do norte”, pags. 21, 24 e 48). Desses fasciculos, todos “de cordel”, poucos são os que chegam aqui ao sul. Possuo apenas meia duzia delles, referentes á vida e ás proesas de Antonio Silvino, quando é certo que andam beirando talvez duas centenas. Graças, porém, a Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso e Leonardo Motta, o melhor que contém taes edições já foi aproveitado no “Cancioneiro do norte”, no “Ao som da viola”, nos “Cantadores” e “Violeiros do norte”. Ha ainda, no genero, um poemeto interessante, de Raymundo Ferreira, “Uma viagem de Carolina ao Pará”, que não me consta haver sido utilizado até agora pelos nossos folkloristas.

ção popular (16). Não me consta, até agora, tenham sido colleccionados por algum cultor dessas curiosidades, que são quasi todas anonymas, excepto as de João Sant'Anna de Maria (vulgo "Santanninha"), que foi, por muito tempo, uma especie de rhapsódo dos nossos grandes feitos bellicos e impressivos acontecimentos sociaes (17).

Ha, finalmente, certas produções literarias que, embora se relacionem com o nosso folk-lore, devem ser tidas na conta de simples adminiculos, e, mesmo com essa feição,

(16) Sobre a nossa "literatura de cordel", além das notas de Silvio Roméro nas suas já citadas "Novas contribuições para o folk-lore brasileiro", sómente conheço o juizo de Paulo Barreto, no capitulo final de um dos seus melhores livros, "A alma encantadora das ruas" (1908), onde, sob o titulo "A musa das ruas" (265-285), trata da nossa poesia bardica, especialmente de Eduardo das Neves e Catullo Cearense. Dessas produções, caem algumas em olvido, como as politicas e as carnavalescas, que se vão substituindo por outras novas, permanecendo, todavia, no galarrim, com assombrosa vitalidade, as lyrico-eroticas mais antigas. Note-se o que acontece com os termos e phrases do calão popular: — nascem nas alfurjas ou nas suburras e vão insensivelmente penetrando nos altos salões, e dali passam a ser apadrinhados por escriptores de boa nota, como já o evidenciou Mauricio das Neves (nos artigos intitulados "Expressões populares", in "Rev. de Lingua Portuguesa", n. 16, pags. 37-42; n. 22, 183-186; e numero 32, 21-24). O folklorista e o sociologo não podem desprezar esses elementos, imprescindiveis a um exacto e completo exame na nossa evolução, tanto mental, quanto ethica.

(17) Esse bardo perpetuou o nome em dois folhetos, sem data: — "A guerra do Paraguay, O imposto do vintem, O celebre chapéu-de-sol e A Secca do Ceará" e "Poesia do Russinho — Contendo mais: O pae da creança, As moças do Rio de Janeiro, Os rapazes e o carnaval e Os maçons e o bispo". O primeiro foi reeditado, incluindo-se nelle "A guerra de Canudos", por João de Sousa Cunegundes. Safo anonymo o seguinte: "Conversação de Pae Manoel com Pae José, na Estação de Cascadura, acerca da *questão anglo-brasileira e da guerra do Paraguay", este ultimo em portuguez-africanizado. Foram todos editados pela Livraria do Povo, de Quaresma & C.

nem sempre utilizaveis como elementos fidedignos para a analyse rigorosa das tradições oraes da nossa gente inculta. Taes são: as “Lendas e canções populares” e “Novas lendas e canções”, de Juvenal Galeno (18); as “Sertanejas”, de J. H. Gomes dos Santos, e os “Quadros”, de Joaquim Serra (19); as “Aves de arribação — Lendas e canções sertanejas”, de José Leão (20); as “Scenas da roça — Poema de costumes nacionaes” e “Scenas da cidade — Poema de costumes nacionaes”, de A. Corrêa (21); os “Mythos e poemas — Nacionalismo”, de Mello Moraes Filho (22); e os diversos volumes, ultima-

(18) Juvenal Galeno da Costa e Silva publicou tambem “Scenas cearenses” (1871) e “Lyra cearense” (1872). As “Lendas e canções populares” são de 1865. A publicação definitiva é a seguinte: “Lendas e canções populares — 1859-1865 — Segunda edição, augmentada com as *Novas lendas e canções* e precedida de juizos criticos” (Ceará, 1892, 8º de 622 pags.).

(19) Nas “Sertanejas”, editadas nesta capital (1873), verificou Joaquim Heliodoro Gomes dos Santos costumes e lendas de varias regiões do Brasil, appensando-lhes, no fim, pequeno vocabulario (88). E o reputado jornalista Joaquim Serra, nos “Quadros” (tambem de 1873), fez o mesmo com os do Maranhão, conforme explicou em nota final (141). Para o nosso folk-lore, as “Sertanejas” têm ainda mais interesse, sobretudo ao aspecto linguistico, do que os “Quadros”.

(20) O nome todo desse autor é José Leão Ferreira Souto, norte-riograndense. O seu opusculo foi publicado por ocasião da grande secca que flagellou então o nordéste (Rio-de-Janeiro, 1877) e exposto á venda em beneficio da gente pobre da sua provincia natal.

(21) Francisco Pinto de Araujo Corrêa, carioca e militar. Esses seus trabalhos foram impressos aqui (Rio-de-Janeiro), em 1879 e 1882, tendo saído do primeiro, em 1883, uma 2ª edição. São em estilo jôco-serio e tiveram boa acolhida por parte do publico daquella época.

(22) Esse volume de Mello Moraes foi impresso no Rio-de-Janeiro em 1884, tendo apparecido antes, na “Rev. da Exp. An-

mente saídos dos prélos, lavra de Catullo Cearense (23). De todas essas produções, a mais aproveitavel, no respeitante ao nosso folk-lore, é a de Mello Moraes Filho, pela tentativa de estilização rimada de alguns dos mythos indigenas, quaes os da “mãe-d’agua” e do “caapóra”, e de poetização de lendas e costumes dos mestiços bahianos, no que teve imitadores. As composições de Juvenal Galeno e de Catullo Cearense, principalmente as deste, destacam-se dentre as demais pela eurythmia e pela beleza das imagens. Mas nenhuma das obras precitadas representa verdadeira materia prima de folk-lore, a qual consiste na prosa e poesia espontaneas da alma do povo, colhidas nas cidades ou nos sertões, sem emendas, sem polimentos, sem atavios de qualquer casta (24).

b) Folk-lore em prosa

Quanto á parte do nosso folk-lore em prosa, é a Couto de Magalhães (25), como presume Valle Cabral

thropologica Brasileira” (1882), muitos dos poemetos que o compõem. Graças a E. Deleau, — que collaborava então no “Messager du Brésil” e verteu alguns delles para o francez, — foram transcriptos na “Littérature populaire” de Jéan Desplas, assim como em revistas e jornaes da Europa e da America latina.

(23) Os livros de Catullo Cearense, que lhe grangearam larga popularidade e justo renome em todo o Brasil, são os seguintes: “Meu sertão” (1918), “Sertão em flôr” (1919), “Matta illuminada”, “Poemas bravios” (1921) e “Evangelho das aves” (este ultimo saído ha pouco do prélo), além do poema “Aos pescadores”.

(24) Cumpre-me declarar que ainda não consegui ler “A lyrica e lendas do Brasil” (1884), de M. Machado Portella, — obra que não se encontra na Bibliotheca Nacional, nem em outras franqueadas aqui ao publico.

(25) Os artigos, assignados por C., e seguramente de Couto de Magalhães, intitulavam-se “Tradições populares de Minas e São Paulo”, e no primeiro tratava elle do “Sacy-sererê”. Appareceram no “Correio Paulistano” e foram reproduzidos nos jornaes

("Gazeta Literaria", 345), que se attribue a gloria de ter iniciado no Brasil taes estudos, por artigos de jornaes, apparecidos ou reproduzidos em 1859 e em que já se occupava com os mythos indigenas, desenvolvidos mais tarde no seu optimo volume "O Selvagem", vindo a lume em 1876. E' que passou despercebido o artigo de Francisco Pereira Dutra, "Investigações sobre a origem da raça tupy, sua linguagem, tradições, mythos e costumes", inserto no "Jornal do Commercio" de 5 de dezembro de 1854.

Acredito haver sido o indianismo, — uma das passadeiras feições que abrolharam do nosso romantismo, quer na poesia, quer na prosa de ficção, — que favoreceu, desde pouco antes do ultimo quartel do seculo findo, o surto de diversos trabalhos, especializados uns e apenas relacionados outros com o folk-lore patrio. Emquanto se votava Couto de Magalhães á mythica dos nossos selvicolas do sul e do centro, investigava Barbosa Rodrigues (26) a dos aborigenes do norte, particularmente do immenso valle do Amazonas. Seguiram-se-lhes, entre outros, o conego Francisco Bernardino de Sousa

cariocas, "Correio da Tarde" e "Marmota", de 29 de setembro de 1859 naquelle, 4 e 11 de outubro do mesmo anno no ultimo. Em "O Selvagem" enfeixou Couto de Magalhães escriptos seus anteriormente publicados, quaes "Familia e religião entre os selvagens — Anthropologia do Brasil" (1873) e "Ensaio de anthropologia — Religião e raças selvagens" (1874), tendo sido estampado antes na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XXXVI, p. 2a., 1872, 359-516) e que provocou a "Ethnologia selvagem" (Recife, 1875), de Silvio Romero.

(26) De Barbosa Rodrigues, além de outras produções em que ha muita coisa attinente ao folk-lore, merecem especial menção os seguintes escriptos: — "O canto e a dansa selvicola" (Revista Brasileira", IX, 1881, 32-60); e "Poranduba amazonense" (1890), com os seus dois "complementos", publicados em 1892 e 1893, aquella e estes *seps.* dos vols. XIV, XV e XVI dos "Annaes da Bibl. Nac."

(27) e José Verissimo (28), que também se dedicou ao populario dos mestiços paraenses. Nos romances e até nas poesias dos nossos escriptores da segunda metade do seculo XIX (Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Tavora, Trajano Galvão, Joaquim Norberto, Taunay, Inglez de Sousa, Joaquim Felício dos Santos, João Salomé de Queiroga e muitos outros), foram aproveitadas muitas lendas e tradições populares. Na mesma quadra, tiveram grande impulso as pesquisas sobre os dialectos dos nossos mongoloides e sobre a transformação da lingua portugueza no Brasil, ao simultaneo influxo dos elementos aborigene e africano, assim como do miscigeno. Não causará estranheza inserever eu aqui esse ramo de indagações, porquanto a philologia sempre foi tida como ancilla do folk-lore, ou, na feliz expressão de Silvio Roméro (“Uma esperteza!...”, 66), são “dois estudos que sempre andaram juntos, linguistica e mythologia, glottica e creações populares”. Além do copioso material com que se opulentou então a dialectologia dos nossos autochtones, continuaram Baptista Caetano, Macedo Soares, José Jorge Paranhos da Silva, Pacheco Junior, Beaurepaire-Rohan, Apollinario Porto-Alegre, Paulino Nogueira e Romaguera Corrêia (29) as investiga-

(27) O livro deste padre, “Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas” (Pará, 1873), é um amontoado de notas chrographicas, historicas e ethnologicas. Destas, as aproveitaveis para o folk-lore são as seguintes: “Yara” (50), “Muiraquitan” (96 e 99), “Anhangá” (167), “Sahiré” (207), “Ibake” (253), “Lenda da Sapueia-oroça” (261) e “As festas dos indios” (300).

(28) V. “Vocabulario das palavras de origem tupy, usadas pelas raças cruzadas do Pará” (“Primeiras paginas”, Belém, 1878, 71-141); “As populações indigenas e mestiças da Amazonia — Sua linguagem, suas erenças e seus costumes” (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.”, L, p. 1ª, 1887, 295-390); “A religião dos tups-guarany” (“Rev. Brasileira”, IX, 67-88); e “Estudos brasileiros” (Pará, 1889).

(29) *Baptista Caetano de Almeida Nogueira*, além de varios trabalhos sobre a dialectologia dos nossos indigenas, especial-

ções sobre os brasileirismos, iniciadas desde meados do seculo XIX por Luiz Maria da Silva Pinto, fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, Pereira Coruja e Braz da Costa Rubim (30). E, como tivesse sido ephemero o

mente sobre o tupy-guarany, em que foi um dos mais abalizados mestres, ainda publicou: "A etymologia da palavra *emboaba*" ("Rev. Brasileira", II, 1879, 384-366, e III, 1880, 22-36); "Notas" (ethnographicas e linguisticas) (in "Principio e origem dos indios no Brasil e de seus costumes, adorações e ceremonias", por Fernão Cardim, ed. de 1881, 61-121); "Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza" (1882); e tambem deixou, conforme assevera Blake, um "Diccionario da lingua brasileira". V. sobre o erudito mineiro o que rememorei na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras." (t. 84, 563-571). Antonio Joaquim de Macedo Soares, além do "Diccionario brasileiro da lingua portugueza" (1866, sep. do vol. XIII, fasc. I, dos "Annaes da Bibliotheca Nacional"), infelizmente incompleto, ainda deixou: "Estudos lexicographicos sobre o dialecto brasileiro" ("Rev. Brasileira", I, 1879, 587-594; II, 118-123 e 224-233; IV, 243-271; VI, 385-404; VII, 367-379; e VIII, 118-126); "Nomes indigenas de algumas localidades da provincia de Minas" ("Monitor Sul-Mineiro", IX, 1880); e o artigo da "Gazeta Literaria", que atrás citei. José Jorge Paranhos da Silva, afóra outras memorias, publicou "O idioma hodierno de Portugal, comparado com o do Brasil" (1879). De Pacheco Junior, conhecido grammaticographo, é o artigo "O dialecto brasileiro" ("Rev. Brasileira", V, 487-495). Henrique de Beaurepaire-Rohan (visconde de Beaurepaire-Rohan) editou em 1889 o seu "Diccionario de vocabulos brasileiros", cuja parte até á letra *c* saira na "Gazeta Literaria", sob o titulo de "Glossario brasileiro", conforme já consignei atrás. Apollinario Porto-Alegre, além de artigos intitulados "Morphologia aryo-guaranytica" e insertos na "Gazeta de Porto-Alegre" (ns. 85 a 129), tambem deixou dois outros trabalhos sobre brasileirismos: o "Popularium sul-riograndense" e o "Dialecto nacional" (1870). Cito por informações, porque ainda não vi esses volumes. Paulino Nogueira organizou um "Vocabulario em uso na provincia do Ceará, com explicações etymologicas, orthographicas, topographicas, historicas, therapeuticas, etc." (Rev. do Inst. Hist. do Ceará", I, 1887). E de Romaguera Corrêa é o "Vocabulario sul-riograndense" (Pelotas, 1898).

(30) Luiz Maria da Silva Pinto deixou o primeiro "Diccionario da lingua brasileira" (Ouro-Preto, 1832-1833, 2 vols.). A

prestígio do indianismo, substituiu-o outro estímulo, que me parece haver sobremodo preponderado na floração das nossas melhores produções sobre folk-lore, vindas á luz nos dois ultimos decennios da passada centuria: — o fecundo movimento que, nesse rumo, se operou em Portugal, a partir de 1867, sob a inspiração e o esforço de Theophilo Braga (31), e que, por sua vez, não passou

“Collecção de etymologias brasílicas”, de fr. *Francisco dos Prazeres Maranhão*, safu primeiramente na “Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.” (VIII, 70-80) e depois, acompanhada de “Breves reparos” de Ignacio José Malta, na “Chorographia” de Mello Moraes (II, 241-257). *Antonio Alvares Pereira Coruja* foi o iniciador dos estudos sobre o dialecto gaúcho, como se vê da sua “Collecção de vocabulos e phrases usados na provincia do Rio Grande do Sul” (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.”, XV, 210-240; publicada em Londres, 1856, num 8º de 32 pags., de tiragem limitada a 25 exs., a expensas do principe L. L. Bonaparte; reeditada no Rio-de-Janeiro, 1861, num 16º de 64 pags.; e inserta em appenso á “Folhinha Riograndense” de D. G. Gomes Brandão, 1862). *Braz da Costa Rubim* deixou: “Vocabulario brasileiro” (1853); e “Vocabulos indigenas e outros, introduzidos no uso vulgar” (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.”, XLV, p. 2ª, 368-390, tendo saído antes em “A Luz” de F. A. da Costa, I, 1872).

(31) Esse movimento, em verdade, repontou muito antes, em Portugal, graças a J. B. L. de Almeida Garrett, cujo primeiro volume no genero, “Romanceiro e cancionero geral”, é de 1843, sendo o outro, “Romanceiro — Romances cavalheirescos antigos”, de 1851; mas o grande escriptor, ao invés de respeitar o fundo e a fórma das produções tradicionaes, entendeu de emendal-as e dar-lhes polimento, e, assim, não pôde ser considerado legitimo folklorista. Eis, forçosamente com algumas lacunas, a bibliographia do genuino e fecundo cyclo lusitano, em que se embebe o nosso: — *Theophilo Braga*, “Historia da poesia popular portugueza”, “Cancioneiro popular” e “Romanceiro geral” (1867), “Cantos populares do archipelago açoriano” e “Floresta de varios romances” (1869), “Ethnologia portugueza — As adivinhas populares” e “Ethnologia portugueza — Os jogos populares e infantis” (“Era Nova”, 1881), “Contos tradicionaes do povo portuguez” (1883), “Ampliações ao romanceiro da ilha dos Açores” (“Rev. Lusitana”, I, 99-116) e “Refraneiro portuguez”; *Costa*

de repercussão da mesma dynamica do romantismo no mundo cultural.

Os “Contos populares do Brasil”, de Silvio Roméro, — publicados primeiramente em Lisbôa (1885), com 2^a. ed., “consideravelmente augmentada”, no Rio-de-Janeiro (Alves & C., 1897), — constituem, até á data

Godolfim, “Lendas arabes” (1869); *V. E. Hardung*, “Romanceiro portuguez” (Leipzig, 1877); *F. Adolfo Coelho*, “Contos populares portuguezes” (1879), “Contos tradicionais para creanças” (1883), “Ethnographia portugueza” (“Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa” e em sep.), “Notas e parallelos folkloricos” (“Rev. Lusitana”, I, 166, 246 e 320), “Materiaes para o estudo das festas, crenças e costumes populares portuguezes” (“Rev. d’Ethnologia e de Glottologia”, 1880-1881, fases. I a IV); *L. A. Palmeirim*, “A poesia popular nos campos”, em appendice á “Galeria de figuras portuguezas” (1879); *Alvaro Rodrigues de Azevedo*, “Romanceiro do archipelago da Madeira” (1881); *Consiglieri Pedrosa*, “Portuguese Folktales, collected by — and translated from original ms. by miss Henriqueta Monteiro, with an introduction by W. R. S. Ralston” (Londres, 1882), “Estudos de mythographia portugueza”, “Contribuições para uma mythologia popular portugueza”, “Contos de fadas”, “Contribuições para um cançãoeiro e romanceiro popular portuguezes”, “De quelques formes du mariage populaire en Portugal” e “Tradições populares portuguezas”; *J. Leite de Vasconcellos*, “Carmina magica do povo portuguez” (“Era Nova”, 1881), “Tradições populares de Portugal” (1882), “Anuario para o estudo das tradições populares portuguezas” (1^o anno, 1883), “Costumes populares hispano-portuguezes” (“Folk-lore Andaluz”, Sevilha, 1882-1883, 172, 208 e 349), “Poesia amorosa do povo portuguez” (1890), “As maias” (1904), “Ensaio ethnographico” (1906), “Canções do berço” e “Poesias populares” (“Rev. Lusitana”, as ultimas no vol. XIV, 1911, 260-267), assim como os interessantes artigos “O Brasil na poesia popular de Portugal” e “Especilegio philologico” (“Rev. de Lingua Portugueza”, n. 1, 75-94, e n. 27, 111-118); *Carolina Michaelis de Vasconcellos*, “Hilo portuguez” e “Estudo sobre o romanceiro peninsular” (“Rev. Lusitana”, I, 63, e LI, 156 e 193); *Alberto Pimentel*, “A musa das revoluções” (1885), “A triste canção do sul” e “Alegres canções do norte” (1895); *Eduardo Sequeira*, “Lendas dos vegetaes”, (1892). No seculo actual, continuou o impulso vindo do ante-

presente, a unica bem provida fonte em que se desedentam os curiosos e estudiosos dessa modalidade das nossas tradições. Embora lhes dê o titulo a apparencia de thesouro de lendas de toda a nossa vasta nacionalidade, quem os examinar com a mais comezinha attenção verificará terem sido somente colhidos, e apenas em numero de 88

rior, como se pôde ver pela "Revista Lusitana", dirigida por J. Leite de Vasconcellos, e pelas novas publicações em livros especializados. Alli têm apparecido valiosas contribuições para o folk-lore, como as seguintes: *J. M. Adrião*, "Tradições populares", e *José J. Nunes*, "Subsidios para o romanceiro portuguez" (VI, 97-129 e 151-188), além do artigo "Poesia popular", que saíu na nossa "Rev. de Lingua Portugueza" (n. 13, pags. 15-34); *A. Thomaz Pires*, "Tradições poeticas", "Investigações ethnographicas" e "Dictados agricolas" (VIII, 215-220, e XIV, 88-112 e 169-183); *J. Augusto Tavares*, "Romanceiro transmontano" (VIII, 71-80, e IX, 277-323); *d. Maria Angelica Furtado de Mendonça*, "Romances populares"; *d. Maria da Conceição Dias*, "Tradições populares do baixo Alentejo", *A. Gomes Pereira*, "Costumes e linguagem popular de Murça" e "Tradições populares do Porto", *A. Cardoso Marta* "Tradições populares", *Joaquim Manoel Corrêa*, "Costumes do concelho de Sabugal", *Carlos Simões Ventura*, "Tradições populares e vocabulario de Vale de Cantaro (Coimbra)" (XIV, 1, 41, 82 e 125, 196, 247 e 283). Além dos trabalhos de *Pedro Fernandes Thomaz* ("Canções populares da Beira" e "Velhas canções populares portuguezas"), *Francisco Xavier d'Athaide de Oliveira* ("Romanceiro e cancionero do Algarve"), e *Alberto Bessa* ("A giria portugueza"), foram ainda estampados os seguintes: *M. Cardoso Martha e Augusto Pinto*, "Folclóre da Figueira da Foz" (1911); *Jayme Cortezão*, "Cancioneiro popular" (1914); *José Teixeira Rego*, "Nova teoria do sacrificio" (1918); *Nuno Catharino Cardoso*, "Cancioneiro popular portuguez e brasileiro" (1921); *Ladislau Batalha*, "Historia geral dos adagios portuguezes" (1924); e *Antonio Sardinha*, "Na feira dos mitos — Idéas e factos" (1927). Quando residia em nosso paiz, publicou Bethencourt Rodrigues a excellente memoria "Poesia do povo e poesia para o povo" ("Rev. do Brasil", n. 63, 218-223). — Comparada com toda essa floração dos nossos irmãos de além-Atlantico, a do Brasil fica em tristes condições de inferioridade, quantitativamente e qualitativamente...